

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

161

INSCRIÇÕES 632-634



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



A ARA ROMANA DE VILA VELHA DE MOURÃO

No âmbito dos trabalhos arqueológicos preliminares ao enchimento da barragem do Alqueva, coube-nos prospectar parte da margem esquerda do Guadiana numa área que abrangia os actuais concelhos de Moura e Mourão (distritos de Évora e Beja, Alentejo, Portugal). Interessou-nos, de modo especial, pela nossa formação e porque assim o determinava a distribuição de tarefas, a inventariação, estudo e consequente publicação dos vestígios da ocupação medieval e moderna.

Numa das intervenções executadas, reaproveitada na parede norte da igreja da Vila Velha de Mourão, encontrou-se uma ara romana, que foi publicada nas p. 128-129 (FIG. 1) do correspondente volume das *Memórias d'Odiana*,¹ com a seguinte leitura que, no momento, com os dados de que dispúnhamos, nos pareceu a mais acertada:

D(eo?) O(ptimo?) C(?) S(acrum) / L(ucius) · ANN/IVS ·
SEV/ERVS / ⁵ V(otum) · L(ibens) · A(nimo) · S(olvit)

Não dedicámos, é certo, especial atenção aos aspectos epigráficos propriamente ditos, o que ora nos propomos fazer, assim como dar nova interpretação às siglas da linha 1.

Apesar de o desenho dos caracteres denotar acentuada

1 SANTOS (Heloísa Valente dos) e ABRANCHES (Paula Barreira), *A ocupação medieval e moderna dos territórios da margem direita do Guadiana nos actuais concelhos de Moura e Mourão*, EDIA, Évora, 2013. ISBN: 978-989-98805-1-1. «4.11.10. A ara romana da igreja da Vila Velha», p. 128-129.

cursividade e dominante inclinação para a direita, a denunciar que a minuta terá sido escrita à mão levantada, o certo é que a paginação se revela cuidada, regular, com alinhamento à esquerda e acertada pontuação, sendo de notar, como curiosidade, o facto de o lapicida, mau grado a falta de espaço, não ter hesitado em pôr o ponto circular na parte superior entre o A e o S finais, um pormenor deveras singular.

O carácter cursivo da inscrição manifesta-se em todo o seu conjunto, mas cumpre-nos assinalar: o A sem barra, como se fora um U invertido; o L (da l. 5) gravado como lambda, enquanto o L da l. 2 tem a barra oblíqua; os NN seguramente feitos com um único movimento de mão, atendendo a não apresentarem o vértice pontiagudo; de resto, podemos garantir que, em questão de *ductus*, apenas o E (para a barra intermédia), o R (para a perna) e esse lambda denotam dois movimentos.

O campo epigráfico não foi totalmente ocupado, compreendendo-se o espaço mais amplo deixado inferiormente porque o monumento se destinava a ser colocado sobre um plinto, acima da altura do olhar e, assim, nem sequer se notava o espaço vazio. Também esse pormenor denota o saber do *ordinator*.

A alusão ao possível contexto original do monumento leva-nos a olhar com mais atenção para a sua tipologia. Está completa a base, em que podemos distinguir uma molduração múltipla: a uma faixa reversa segue-se um cordão, estreito, entre filetes, e depois o soco, que assentava possivelmente em plinto adequado. A reutilização como material de construção na igreja levou a que, do capitel, seguramente simétrico à base na sua estrutura e, eventualmente, até com fôculo e toros, só reste a faixa directa.

Sendo assim, poder-se-nos-á perguntar a razão justificativa de termos voltado a falar desta ara. Só para se completar a descrição física da ara? Não! É que temos outra interpretação da l, o que, pela informação inovadora que apresenta, justifica a sua inserção no *Ficheiro Epigráfico*.

Solicitámos a Hugo Pires a gentileza – que muito agradecemos – de nos preparar o levantamento tridimensional do monumento segundo o Modelo de Resíduo Morfológico² que,

² PIRES (Hugo); GONÇALVES-SECO (Luís); Fonte (João); SANTOS (Maria João Correia) e SOUSA (Orlando), «Morphological Residual Model: a tool for

com tanto êxito, vem desenvolvendo e que, neste caso, surtiu também o melhor efeito (FIG. 2).

Na verdade, necessitávamos de retirar os pontos de interrogação quanto ao significado das siglas, na l. 1, à excepção do S final, por ser comum o desdobramento em S(*acrum*). Mas lográmos assim tomar definitivamente uma opção: não estamos perante decoração de óvalos ou outro qualquer (FIG. 3), mas sim de siglas mesmo, que o lapicida não terá entendido muito bem na minuta, ou que *Severus* poderá ter preferido mandar gravar de forma algo esotérica, como que para não se “comprometer”!...

O que está gravado resulta bem claro (FIG. 4): dois C invertidos seguidos, separados por ponto, vindo depois O também separado por ponto do S, um S que está demasiado inclinado em relação ao *ductus* dos demais da epígrafe, mas que, bem observado, até se aproxima, na forma, do segundo da l. 3. Note-se que o segundo C tem, no vértice inferior, um prolongamento levemente oblíquo para trás. Põe-se-nos, pois, a questão: serão CC invertidos? Não podem ser: são a letra D mal compreendida pelo lapicida! Portanto, como interpretar? Múltiplas serão as hipóteses e cremos que *Severus* poderia querer mesmo manter o segredo. Quanto a nós, porém, a interpretação só pode ser uma: D(*iis*) · D(*eabus*) O(*mnibus*) · S(*acrum*), de que temos exemplos, pois que, nos manuais, assim são essas siglas desdobradas.³ Temos, de parecido, CIL II 3359, de Jaén, que traz D(*iis*) · D(*eabus*) · S(*acrum*) e recordáramos de imediato uma das epígrafes do santuário de Panóias (Vila Real) que, de certo modo, obedece à mesma mentalidade: *Diis deabusque*

enhancing epigraphic readings of highly eroded surfaces», *Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage, Studi Humanisti – Serie Antichista*, Sapienza Università Editrice, 2014, p. 133-144. Este método permite detectar e contrastar pequenas irregularidades na superfície dos suportes, revelando, em certos casos, restos das marcas originais não visíveis a olho nu. O processo inclui a captura de dados tridimensionais da superfície em estudo e a sua análise e classificação através do algoritmo MRM.

³ Hesitámos em ler Q em vez de O, o que daria a fórmula mais corrente D(*iis*) · D(*eabus*) Q(*ue*); contudo, não se nos afigura que, a ser assim, não houvesse na minuta o Q bem explícito.

*aeternum lacum omnibusque numinibus...*⁴ E, entre bastante outros exemplos, poderemos apontar o altar do Museu Galo-Romano⁵ mandado colocar por um *vir perfectissimus, praeses, P. Acilius Theodorus, Diis Deabusque omnibus*. É, de resto, curioso verificar que, amiúde, a dedicatória é feita a uma divindade, mas acrescentam-se todos os deuses e deusas, para de todos se obter a protecção e nenhum fique de fora, naquela ‘primordial indefinição do divino’, de que fala Francisco Marco.⁶

Por conseguinte, a nossa interpretação é a seguinte:

D(iis) D(eabus) O(mnibus) S(acrum) / L(ucius) · ANN/IVS
· SEV/ERVS / V(otum) · L(ibens) · A(nimo) · S(olvit)

Consagrado a todos os deuses (e) deusas. Lúcio Ânio Severo cumpriu o voto de livre vontade.

A paleografia aponta para os finais do século II. O facto de a epígrafe estar incrustada numa parede lateral da igreja do povoado indicará a proximidade existente entre o local de culto cristão e um local que já no tempo dos Romanos era considerado consagrado a várias divindades.

PAULA BARREIRA ABRANCHES

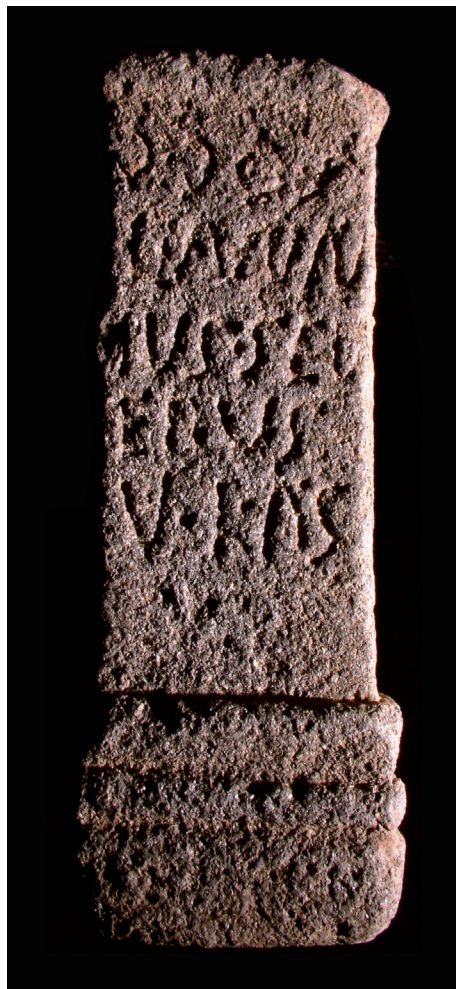
JOSÉ D' ENCARNÇÃO

HELOÍSA VALENTE DOS SANTOS

⁴ Cf. ALFÖLDY (Géza), “Panóias: o santuário rupestre”, in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 211-214.

⁵ Cuja imagem está acessível em <http://www.ubi-erat-lupa.org/imagelink/index.php?Nr=8594>.

⁶ MARCO (Francisco), “*Diis Deabusque*. A indefinição primordial do divino”, in RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 17-19.



1

632

ARA ROMANA

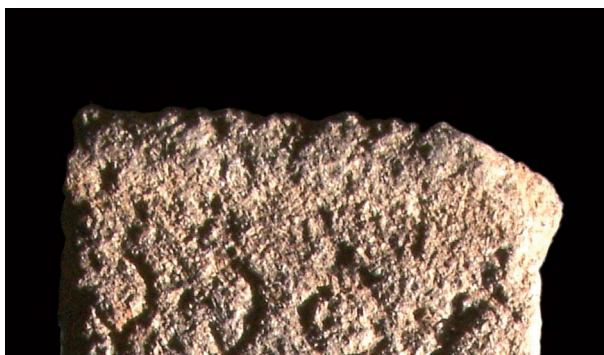
IGREJA DA VILA VELHA DE MOURÃO
Levantamento tridimensional



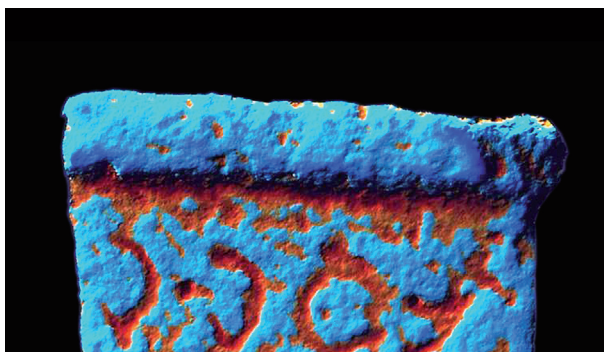
Modelo Digital de Superfície

Modelo de Resíduo Morfológico
ESCALA DE CINZA

Modelo de Resíduo Morfológico
ESCALA DE COR



3



4

632

LA ESTELA DE L. TVSSANIVS RVFVS EN TRUJILLO,
CÁCERES
(*Conventus Emeritensis*)

La presente inscripción fue ya recogida en la relación de epígrafes del volumen segundo del *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres*¹ como ilegible, pues cuando tuvimos ocasión de hacer la autopsia de la piedra el texto estaba completamente borrado al haber estado sometido a los agentes atmosféricos. La pieza se encuentra actualmente en el antiguo huerto del convento de San Francisco el Real de la Puerta de Coria, en la zona monumental de Trujillo y su ubicación a la intemperie ha debido ser la causante de su deterioro. Afortunadamente, hace pocas fechas llegó hasta nosotros una fotografía en la que todavía se conservaba el texto, ya muy desvanecido, pero que nos ha permitido descifrar su contenido.

Se trata de una estela de granito gris claro, seccionada en su parte inferior y quizás también en la superior. Lleva una ancha línea incisa en tonalidad ocre en la cabecera que la separa del neto inscrito, donde se distinguen cuatro líneas de texto completas y parte de una quinta de la que solo se aprecia la parte superior de una letra.

Se desconoce su lugar de procedencia, como tantas otras halladas en *Turgalium*, pero lo más probable es que provenga de alguna de las necrópolis del entorno trujillano, quizás de alguna de las dehesas de propiedad del mencionado convento de San Francisco el Real de la Puerta de Coria.

Dimensiones: (50) x (37) x (20); letras: 7-8.

¹ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres II. Turgalium* [= *CILCC II*], Cáceres 2012, 286, nº 839.

L(ucius) TV(s)SANIVS / Q(uinti)· F(ilius) PAP(iria) / RVFVS
/ AN(norum) · XVI (sedecim) H(ic) S(itus) / [E]S[T]

Aquí yace Lucio Tussanio Rufo, hijo de Quinto, de la tribu Papiria, de dieciséis años.

La cabecera está partida y es muy posible que en la parte que falta llevara algún tipo de decoración, quizás el creciente lunar tan propio de las tierras turgalienses. El uso de la pintura para colorear las letras y su iconografía, *a priori* quizás un tanto sorprendente, pudo ser más habitual de lo que pensamos, tal vez pura y llanamente una cuestión de conservación. En cualquier caso, la coloración de letras y motivos decorativos es ya conocida en la epigrafía de *Turgalium*. Un ejemplo más que significativo es otra inscripción procedente también de Trujillo, donde se han coloreado no solamente las letras sino también el creciente lunar (*Ibidem*, 837). Ambas inscripciones poseen soportes similares y sus letras se perfilaron con el mismo color ocre, por lo que quizá procedan del mismo taller.

Las letras, poco marcadas y pintadas, son capitales cuadradas muy regulares y la interpunción en punto. Las letras AN de *Tussanius* en la primera línea forman nexa y solo se conserva parte de la S final del gentilicio del difunto. Las VV del *cognomen Rufus* en la tercera están ligeramente inclinadas hacia la izquierda, a diferencia del resto del texto que guarda una simetría más que notable. La abreviatura AN de *annorum* en la cuarta forma también nexa. Finalmente, en la quinta línea tan sólo nos hemos limitado a restituir el verbo de la fórmula funeraria más sencilla, *est*.

Aunque no se puede descartar la falta de alguna línea más, las inscripciones tempranas, como la que nos ocupa, suelen ser epitafios sencillos y lo más probable es que el texto esté completo. De no ser así, habría que pensar en un dedicante, familiar del joven fallecido, encargado de homenajearle.

La inscripción corresponde al epitafio de *L. Tussanius Rufus*, un ciudadano romano a juzgar por su esquema onomástico y la especificación de la tribu, la *Papiria*. El fatal desenlace le llegó prematuramente a nuestro homenajeador – tan solo tenía 17 años – y a esa edad la muerte siempre conlleva un fuerte impacto social, especialmente en el círculo familiar más cercano.

La dispersión geográfica de los miembros de la tribu *Papiria* ha sido fundamental para delimitar el territorio emeritense, así como las

fases preferentes de la colonización². Sus límites se extendían por el norte más allá de *Turgaliium*, hasta el río Almonte, de donde se segregó una parte de su territorio para conformar la *regio Turgaliensis*³. Estas tierras fueron lugar preferente para el asentamiento de colonos, entre ellos algunos veteranos (*CILCC* II, n.ºs 502 y 654) e itálicos⁴, en las primeras reparticiones de tierras llevadas a cabo por Augusto, tras la fundación de la capital de Lusitania⁵.

Tussanius es un gentilicio de origen itálico, muy común en Roma con extensiones hacia la región de Umbría⁶. En *Hispania* solamente está documentado en las cercanías de Trujillo, de donde proceden dos casos más de las cercanas localidades de Herguijuela (*CILCC* II, 513) y Madroñera (*CILCC* II, 629), que, por su proximidad geográfica al aquí conmemorado, muy bien pudieran estar emparentados. En la *regio Turgaliensis* se registran varios gentilicios itálicos, algunos, al igual que *Tussanius*, exclusivos del territorio turgaliense, como: *Artorius* en Herguijuela (*CILCC* II, 522); *Caepasius* en Abertura (*CILCC* II, 421); *Catius* en Ibañero (*CILCC* II, 590); *Faracius* en Villamesías (*CILCC* II, 886); *Gargenna* o *Gergenna* en Abertura (*CILCC* II, 412 y 413); *Mussanius* en Madrigalejo (*CILCC* II, 617); *Orfius* en Trujillo (*CILCC* II, 739); o *Velsinius* en Santa Cruz de la Sierra (*CILCC* II, 682). Otro grupo de estos gentilicios son muy raros en Lusitania y prácticamente desconocidos en *Hispania*; así por ejemplo: *Loreius* en Campo Lugar⁷; o *Verrucius* en Cáceres⁸ y Herguijuela (*CILCC* II, 518). Por

² WIEGELS (Rainer), «Zum Territorium der Augusteischen Kolonie Emerita», *Ma-drider Mitteilungen* 17, 1976, 258-284. También: CARDOZO SÁNCHEZ (Jorge Ramón), «In finibus Emeritensium», *Augusta Emerita, Actas del simposio internacional conmemorativo del bimilenario de Mérida (Mérida 1975)*, Madrid 1976, 217-233.

³ Hyginio, *Constituto limitum*, 135, 15.

⁴ *Ibidem*, n.ºs 412, 421, 466, 512, 518, 522, 563, 589, 590, 621, 682, 818 y 886.

⁵ REDONDO RODRÍGUEZ (José Antonio) y SÁNCHEZ ABAL (José Luis), «La tribu Papiria: testimonios de la colonia *Emerita Augusta* en la alta Extremadura», *Bo-letín del Museo Arqueológico Nacional* 3, n.º 1, 1985, 60-68.

⁶ La consulta de lo Epigraphische Datenbank Clauss-Slaby así lo pone de ma-nifiesto: <http://www.manfredclaus.de/gb/>

⁷ *CILCC* II, 462, aunque hay un testimonio en la Bética, en Esparargosa de la Serena (*CIL* II/7), no muy lejos de la zona.

⁸ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres I. Norba*, Cáceres, 2007, 173.

todo ello son considerados como fósiles onomásticos⁹.

Mucho más común es el *cognomen* romano *Rufus*, ampliamente extendido en la epigrafía de *Hispania* en general y de Lusitania en particular.

Tussanius, a nuestro parecer, pudiera ser un descendiente de los primeros colonos, incluso un hijo de aquellos pioneros que recibieron tierras en la *regio Turgaliensis*, por lo que habría que fechar su epitafio a mediados del siglo I d. C. La estructura del texto, la utilización de los *tria nomina* y la fórmula funeraria simple que es típica de la primera mitad de este siglo, aconsejan igualmente dicha cronología.

JULIO ESTEBAN ORTEGA

JOSÉ ANTONIO REDONDO RODRÍGUEZ



633

⁹ NAVARRO CABALLERO (Milagros), «Notas sobre algunos gentilicios romanos de Lusitania: una propuesta metodológica acerca de la emigración itálica», *Sociedad y cultura en la Lusitania romana: IV Mesa Redonda Internacional* (coord.: Jean-Gérard Gorges, Trinidad Nogales Basarrate), Mérida 2000, 281-298. Véase también: NAVARRO CABALLERO (Milagros) y RAMÍREZ SÁDABA (José Luis) (coord.), *Atlas Antroponómico de la Lusitania romana*, Mérida-Burdeos 2003, 409; GÓMEZ SANTA CRUZ (Julio), «Augusta Emerita y el territorio de la *Praefectura regionis Turgaliensis* en época augustea», *Gerión* 35, 2017, 499-522.

GRAFITO DE SANTA BÁRBARA DE PADRÕES

Achou-se em Santa Bárbara de Padrões, sítio que se identifica com a *Arannis* do chamado *Itinerário de Antonino*,¹ o fundo de um prato de *terra sigillata*, em três fragmentos, que se colaram: há quase metade do pé (gasto pelo uso) e mais de um terço da superfície (FIG. 1). Ostenta um grafito, sensivelmente a meia altura, riscado segurando-se o prato pelo pé, de modo que ficou invertido em relação à posição normal do recipiente (FIG. 2).

Faz parte do espólio recolhido, em 2013, no decorrer das escavações de Santa Bárbara de Padrões, numa entulheira a sul do cemitério de Santa Bárbara. Não é uma lixeira, porque as lixeiras têm uma sequência estratigráfica que resulta da deposição sucessiva de lixos vários, enquanto que uma entulheira, como é o caso vertente, resulta da deposição simultânea de entulhos que procederam de alguma obra e que foram lançados, aqui, numa antiga pedreira aberta no afloramento de grauvaque. A 1 m de profundidade, encontrámos um ceitel de D. João II, proveniente, quiçá, do local onde, por essa época, se construiu a igreja, em estilo gótico final muito pobre. Os materiais surgem, pois, sem uma sucessão cronológica: cerâmica de tipo Kuass, do século II a. C., estava, por exemplo, ao lado de fragmentos de ânforas béticas do II d. C.

O fragmento, de tipologia indeterminada, é passível de ser

¹ Identificação que Maria Garcia Pereira Maia apontou em 2000 (*Levantamento da Carta Arqueológica da Freguesia de Cachopo*, Campo Arqueológico de Tavira, Tavira, p. 22-24) e que João Pedro Bernardes viria a confirmar, com mais argumentos, em 2006: «A propósito da localização de Aranni/Arandis» *Conimbriga*, 45, p. 153-164. Anote-se, porém, que Manuel Maia já na década de 90 sugerira essa hipótese em texto publicado no *Diário do Alentejo*. Ainda que publicado com o nome de Maria Maia, o trabalho sobre esse *Levantamento da Carta Arqueológica de Cachopo* foi coordenado por Manuel Maia, na sua qualidade de técnico do Instituto Português de Arqueologia, contando com Alexandre Viegas Cesário, Isabel de Almeida Cesário e Joaquim Câmara Manoel como colaboradores.

classificado como de produção sudgálica, datável do século I. Tem 14 cm de comprimento por 7 cm de largura; o pé mede 8 cm de diâmetro e 0,7 cm de espessura. Está guardado, como todo o material de Santa Bárbara, no Museu da Lucerna, em Castro Verde, e integra actualmente a exposição *100 Anos de Mediterrâneo em Castro Verde*.

APRILIS.

De Aprilis.

Altura das letras: A = 1,6; P = 0,8; R = 1; I = 0,9; L = 1,1; I = 0,8; S = 1, 7.

Em caracteres cursivos, a gravação, feita com estilete pontiagudo mas não totalmente afeiçãoado, denuncia várias passagens, de que resultaram sulcos esborcinados, de contornos irregulares, sem grande perícia. O A assume uma forma que Battle² classifica «de escrita vulgar» em que «persiste o tipo arcaico»; é como o lambda grego, tendo o travessão assinalado com singelo e breve risco vertical em baixo. O P foi mal conseguido, porque o gravador não logrou lançar a curvatura, de que resultou o aspecto de gota alongada. R de haste vertical sobre que assenta um traço longo e sinuoso (para sugerir a curvatura), que arranca bem de trás da haste vertical e se estende bastante para a frente; denota claramente dois movimentos repetidos: o de cima para baixo a fim de gravar a haste vertical e o de trás para a frente, do resto do desenho da letra, feito inicialmente de uma só vez, mas repetido depois para se obter maior profundidade. Os dois II assemelham-se. O L tem a perna inusitadamente longa e oblíqua para baixo. S muito esguio e comprido.

Aprilis é um genitivo de posse. Posse do próprio prato ou, mais verosimilmente, do lote de pratos de que este seria o primeiro, identificador do destinatário. Trata-se de um nome etimologicamente latino, de que, na Lusitânia, se chegou a indicar um primeiro testemunho, de *Conimbriga* (CIL II 393 = FC II 74)³, se não estivéssemos perante uma mais que duvidosa reconstituição de Hübner, a partir do manuscrito do Vaticano atribuído a Iohannes

² BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, 2ª edição, 1963, p. 11, fig. 3, forma nº 11.

³ FC II = ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et LÉVÉQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris, 1976.

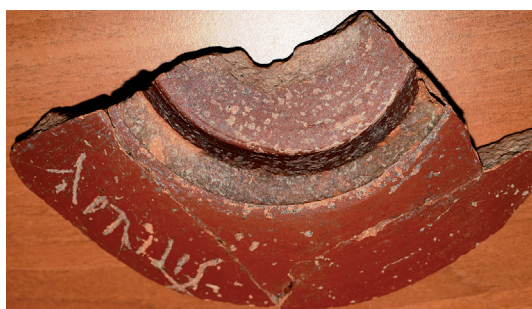
Metellus, que apenas traz *-ilis*. Em HEpOL apontam-se 17 testemunhos, entre os quais figura o nome do mês propriamente dito; há seis registos da olaria de um *Aprilis* em Tarragona e duma outra em Cuenca; de Lugo provém o grafito «inscrito en un fragmento de fondo sin determinar» relativo a um *Apri(lis) / Cama[li.f.]* (registo nº 26 524).

Kajanto⁴ incluiu-o, naturalmente, nos cognomes latinos relacionáveis com o calendário, concretamente o mês de Abril e contou, no seu tempo, no conjunto do CIL, 168 homens (dos quais 16 libertos ou escravos), 4 mulheres livres e mais 3 escravas ou libertas. Os 573 testemunhos da base de dados EDCS incluem também o nome do mês; ressalta, porém, desse rol, uma significativa percentagem do nome *Aprilis* associado a olarias. O *Aprilis* de Santa Bárbara de Padrões, se oleiro fora, não ‘assinaria’ desta forma; contudo, atendendo ao panorama, poderá ser hipótese não despicienda, ainda que não demonstrável.

JOSÉ D' ENCARNÇÃO
MANUEL MAIA



1



2

634

⁴ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 219